Dia 15 — Santa Teresa de Jesus, Virgem e Fundadora

Martirológio Romano

Santa Teresa, virgem, mãe e mestra dos religiosos e monjas da Ordem dos Carmelitas descalços, em Ávila, na Espanha. (Veja-se sua vida hoje.)

São Fortunato, mártir, em Roma, na via Aurélia. (No tempo do imperador Cláudio ocupava-se, como outros muitos cristãos, em dar sepultura aos corpos dos Mártires.)

O martírio de trezentos santos mártires, em Colônia, na Alemanha, que na perseguição de Maximiano alcançaram a coroa do martírio.

Santo Ageu, mártir, em Cartago, em cuja festa Santo Agostinho pregou ao povo.

São Bruno, bispo dos russos e mártir, na Prússia; o qual, pregando o Evangelho naqueles povos, foi preso pelos ímpios, os quais lhe cortaram as mãos e os pés e o degolaram. (O Martirológio Romano faz menção também deste mesmo São Bruno no dia 19 de junho, com o nome de São Bonifácio, provavelmente por alguma trasladação; pois ainda que alguns autores têm distinguido este São Bruno de São Bonifácio, comparada a vida de São Brun ou Bruno em Ditmaro com a de São Bonifácio que escreveu São Pedro Damião, demonstra-se a identidade. E a Crônica de Magdeburgo chama expressamente Bruno a seu São Bonifácio e ao contrário promiscuamente. Butler.)

Santo Antíoco, bispo, em Lyon; o qual, tendo desempenhado exatamente seu ministério pastoral, mereceu o do reino eterno.

São Severo, bispo e confessor, em Tréveris.

Santa Aurélia, virgem, em Estrasburgo.

Santa Edwiges, ou Eduvigis, duquesa da Polônia, em Cracóvia; a qual, tendo-se exercitado em obras de piedade com os pobres, esclarecida também em milagres, foi canonizada pelo papa Clemente IV. Inocêncio IX decretou que se celebrasse sua festa no dia 17 deste mês. (Veja-se sua vida no dito dia.)

Santa Tecla, abadessa, na Alemanha. (Foi uma monja inglesa do mosteiro de Wimborne, no condado de Dorset, que, tendo sido chamada por São Bonifácio à Alemanha, foi feita abadessa de Kitzingen, três milhas de Würzburg, cuja comunidade edificou com o admirável odor de suas virtudes.)

Santa Teresa de Jesus, Virgem e Fundadora

Foi Santa Teresa a maravilha de seu século e é hoje a admiração do orbe cristão. Nasceu em Ávila, cidade de Castela a Velha, na Espanha, no dia 12 de março de 1515, sendo a menor de três filhas que tiveram Afonso Sánchez de Cepeda e D. Beatriz de Ahumada, ambos de antiga e qualificada nobreza, muito respeitados por ela, mas muito mais por sua vida cristã e por sua grande piedade. Dedicavam seu principal cuidado à boa educação de seus filhos; mas puseram-no muito especial na desta última menina pelo extraordinário desembaraço, viveza e capacidade que mostrava, muito superior a sua idade. Sobretudo, notavam-lhe, com singular gozo seu, uma inclinação natural a tudo o que é bom e uma antecipada terna devoção à santíssima Virgem. Era muito dedicado Afonso de Cepeda a ler livros espirituais e todos os dias fazia que se lesse a vida de algum Santo diante de toda a família. Encontrava nisto grandíssimo gosto a menina Teresa; e não contente com a leitura que ouvia, ela mesma lia muitas vezes com outro irmãozinho seu, chamado Rodrigo, de pouco mais idade, as histórias e vidas dos Santos, sobretudo as daquelas delicadas e jovens donzelinhas que haviam derramado seu sangue por Jesus Cristo. Fizeram tanta impressão estes exemplos nos dois ternos coraçõezinhos que ambos resolveram escapar-se secretamente da casa de seus pais para ir a terra de mouros em busca do martírio, tendo à sazão Teresa só sete anos e Rodrigo dez. Já estavam a caminho quando os encontrou um tio seu, que os recolheu e os restituiu a sua casa. Mas entretanto estava a menina Teresa tão preocupada do pensamento da eternidade que não cessava de repetir estas palavras: «Que, para sempre; que, sem fim!»; e vendo os dois meninos que não havia forma de ser mártires, determinaram fazer-se, ao menos, ermitões. Com este intento fabricaram na horta da mesma casa duas celinhas ou duas pequenas covas que levantaram com ramos de árvores; aonde se retirava Teresa muitas vezes ao dia para fazer sua oração, como dizia ela, diante de uma estampa que representava a Samaritana falando com o Salvador junto à borda de um poço, desprendendo desde então o Espírito Santo naquele inocente coração algumas centelhas daquele sublime dom de oração de que eram prelúdios aqueles primeiros exercícios.

O amor que professava à santíssima Virgem lhe inspirava cem indústrias para honrá-la e reverenciá-la. Cada dia rezava muitos rosários, oferecendo ao pé da imagem algumas flores e acompanhando sempre estes pequenos presentes com alguma devota oração. Estes belos princípios que havia produzido a leitura de bons livros cortaram-se ou interromperam-se de repente com a lição de livros maus. Perdeu sua mãe sendo de idade de doze anos e começou a tomar gosto em ler livros de novelas. Esta foi a primeira causa de haver-se resfriado em seus bons desejos e de ser infiel em tudo o mais.

Nestes livros aprendeu a inclinação às galas, à profanidade, a sobressair, a brilhar; e, enfim, o desejo de ser amada. Tendo já catorze anos, travou comunicação com um parente seu, um pouco ligeiro e desafogado, cujo trato pôs sua inocência em grandíssimos perigos. Acabou-se logo todo aquele espírito de fervor e devoção, tanto que houvera passado muito adiante aquele desconcerto de vida se, notando-o seu pai, não houvesse aplicado pronto remédio metendo-a de secular num convento de Agostinianas.

Antes de cumprir oito dias naquele recolhimento, sentiu possuído seu coração de um sumo desgosto e de uma viva dor de todas as suas vaidades, rebrotando então todas as virtuosas inclinações de seus primeiros anos. Atribuiu esta mudança à particular proteção da Mãe de Deus, a cujos pés se prostrou logo que morreu sua mãe, suplicando-lhe que desde ali em diante se dignasse recebê-la por sua querida filha. Flutuava duvidosa na eleição de estado, ou de religiosa ou de casada, quando se achou acometida de uma grave enfermidade, com cuja ocasião a tirou seu pai do convento para curá-la em sua casa. Logo que se recobrou algum tanto, enviou-a a uma aldeia onde vivia uma irmã sua, para que acabasse de reparar-se e, no caminho, visitou um tio seu que fazia vida solitária. Com as santas conversações do devoto ermitão e com a lição de livros espirituais, particularmente das epístolas de São Jerônimo, reconheceu o perigo que havia corrido de perder-se eternamente; e apesar do horror que lhe causava a consideração dos trabalhos e austeridade do estado religioso, especialmente em sua delicada compleição, resolveu não abraçar outro. Custou-lhe muitos rogos e muitas lágrimas alcançar o consentimento de seu pai; mas mal saiu de casa para ir ao convento, sentiu-se assaltada de uma repugnância tão extraordinária, acompanhada de tão vivas e tão agudas dores, que lhe houveram tirado a vida se não a houvesse sustentado Deus.

Vitoriosa deste último combate, entrou com heroico valor no convento das Carmelitas de Ávila, no qual tinha uma boa amiga, e foi sua entrada o dia 2 de novembro do ano de 1535, aos vinte de sua idade. Mal recebeu o hábito religioso quando se inflamou seu coração nas chamas do mais puro e mais abrasado amor, recompensando o Senhor a vitória que acabava de conseguir com uma inundação de graças. Nenhuma dificuldade encontrava no exercício das mais heroicas virtudes. Faminta de desprezos, de abatimentos e de mortificações, era seu maior gosto exercitar-se nos ofícios mais penosos e mais humildes da casa. Cilícios, capotinhos, disciplinas, jejuns quase contínuos, nada era bastante para saciar aquela grande alma. Estas penitências alteraram extraordinariamente sua saúde, delicada por sua natureza. Acometeram-na uns males de coração tão violentos e uns vômitos de tão má qualidade que se chegaram a temer funestas consequências; mas estes males não lhe embaraçaram a profissão. Fê-la com tanta resolução e com tanto valor que encheu de admiração todos os circunstantes. Naquele tempo as religiosas ainda não estavam obrigadas à clausura; e assim a enviou seu pai, em companhia da outra monja amiga sua, a casa de sua irmã para que se fizessem alguns remédios. Por este tempo já a havia Deus começado a favorecer com muitas graças que cada dia iam em aumento; elevando-a a uma altíssima contemplação até a oração de quietude e algumas vezes até a de união, concedendo-lhe juntamente o dom de lágrimas; mas nem ela conhecia então o inestimável valor destas graças nem encontrava confessor que a entendesse nem compreendesse sua interior disposição. Sem embargo, consolava-se e aquietava-se, reconhecendo que tudo a movia a amar a Deus e a não perdê-lo nunca de vista.

Com os remédios acabou de arruinar-se inteiramente sua saúde; mas nem por isso se malogrou sua estada naquele lugar, pois foi ocasião de que se convertesse um mau sacerdote que havia muitos anos vivia licenciosamente. Confessava-se Teresa com ele e comoveu-se tanto à vista da inocência daquela alma pura que ele mesmo lhe manifestou o miserável estado em que se achava, pedindo-lhe que o encomendasse a Deus; e tendo-se convertido, passou o resto de sua vida em exercícios da mais rigorosa penitência.

Sentindo-se Teresa cada dia mais enferma, em poucos dias se achou reduzida à última extremidade. Contraíram-se-lhe os nervos, causando-lhe insuportáveis dores. Pôs-se extremamente fraca; acometeu-a uma tosse seca, a cor pálida, macilenta e aplumbada; todos indícios que obrigaram a temer muito por sua vida. Vendo-a seu pai naquele estado, levou-a a sua casa, onde mal entrou quando no dia da Assunção a assaltou uma síncope e caiu num desmaio tão profundo que a tiveram por morta por espaço de quatro dias. Ao cabo deles voltou a si; mas não se viu inteiramente livre de tantos males até dali a três anos, depois que lhe inspirou Deus que se encomendasse ao patriarca São José, a quem reconhecia dever sua cura e cuja proteção assegurava depois não haver implorado jamais sem experimentá-la pronta e favorável, pelo que fez quanto pôde para estender sua devoção e seu culto.

O recobro de sua saúde foi, por dizê-lo assim, enfermidade ou, ao menos, desmaio de seu espírito. As frequentes conversações que tinha com as pessoas que a haviam visitado produziram certas amizades que, ainda que inocentes, não deixaram de prejudicá-la. Ocupando o tempo no coro e no locutório, muito em breve se desgostou do primeiro; tanto que chegou a persuadir-se de que era espécie de hipocrisia querer ser observante estando tão dissipada: e sobre este princípio dispensou-se na maior parte dos exercícios de comunidade. Esta dissipação e esta relaxação a puseram em evidente perigo de perder-se; mas deteve-a Deus quando estava já na borda do precipício. Tendo morrido seu pai, a quem saiu a assistir na última enfermidade, voltou a retirar-se a seu convento, resoluta a voltar também ao exercício da oração, como lho aconselhou com a maior eficácia um religioso da Ordem dos Pregadores, com quem à sazão se confessava. Mal voltou a este santo exercício quando conheceu toda a iniquidade e toda a amargura de sua relaxação. Detestou-a dolorosamente e toda a vida foi motivo de seu pranto. Não omitiu depois dia algum a oração, aplicando-se a ela com a maior tenacidade e com a maior fidelidade, não obstante o silêncio do Espírito Santo, que por espaço de dezoito anos a exercitou com uma tediosa aridez e secura, privando-a daqueles consolos celestiais com que em outros tempos a havia favorecido.

Na verdade, havia cortado Teresa todo o perigoso que podia haver naquela comunicação com os seculares; mas não havia rompido de todo os laços que tinham pegado seu coração às criaturas. Solicitava-a Deus interiormente a que lhe sacrificasse tudo; mas seu coração não acabava de resolver-se a tão generoso sacrifício: situação triste e combate angustioso que a tinham numa contínua amargura. Neutral entre os dois partidos, não encontrava gosto cabal nem no comércio do mundo nem no serviço de Deus, sendo seu grande valor e seu mesmo bom coração os artífices de seu maior suplício. Leu por este tempo as *Confissões* de Santo Agostinho e esta leitura foi, por dizê-lo assim, como o bosquejo de sua perfeita conversão, cuja grande obra aperfeiçoou a inopinada vista de uma pintura que representava o Senhor atado à coluna no passo dos açoites. Fortalecida Teresa com uma nova graça, rompeu enfim todas as prisões; e no mesmo instante se achou elevada a um grau muito sublime de contemplação. Mas como o Senhor a tinha escolhida

para amada esposa sua, todavia quis purificar seu coração com uma sensibilíssima prova. Permitiu que todos os confessores que buscou desaprovassem seu espírito, tratando de ilusão os favores que recebia do céu, condenando seu modo de oração e não querendo crer que favorecesse Deus com tão singulares graças uma alma inconstante que tantas vezes lhe havia sido infiel. Atormentava-a o temor de estar iludida e enganada; mas uma das coisas que mais a mortificavam era a publicidade dos particulares favores com que Deus a regalava. Todos falavam deles, uns para divertir-se, tendo-os por ilusões, e outros para destemperar-se, qualificando a monja por uma insigne embusteira. Dizia-se que pretendia ser santa antes de dar provas de boa religiosa, não cumprindo com as obrigações comuns e aspirando a distinguir-se por extravagâncias e por singularidades. Não eram suas irmãs as mais indulgentes a conta de nossa Santa. Esta opinião comum fazia-se-lhe a ela mesma muito verossímil, lembrando-se de sua inconstância e de suas passadas ingratidões; indecisão que a tinha num contínuo tormento, tanto mais insuportável quanto era sumamente tímida e delicada em matéria de ilusão. Já deliberava dentro de si mesma se deixaria inteiramente a oração quando o Senhor a consolou deparando-lhe um confessor sábio, prudente e muito prático nos caminhos da vida interior. Era este um Padre da Companhia de Jesus, o qual lhe prescreveu o modo de governar-se e lhe aconselhou que renunciasse certas coisinhas que na verdade não eram defeitos essenciais, mas contudo a atrasavam muito nos caminhos de Deus. Mandou-lhe que meditasse na vida e mistérios de Jesus Cristo, exortando-a a que fizesse mais apreço da mortificação das paixões que de todas as devoções sensíveis. Fez-lhe grande força e prendou-a muito esta suavidade do novo diretor. Empunhou as armas contra si mesma, entregou-se sem exceção e sem perdoar-se em nada a todos os rigores da penitência, acrescentando a tudo mais silêncio, mais retiro e maior recolhimento.

Chegou por então a Ávila São Francisco de Borja: consultou logo com ele Santa Teresa suas dúvidas; e aquele grande homem lhe respondeu sem hesitar nem duvidar que tudo o que sentia era verdadeiramente obra do Espírito Santo: encarregou-lhe que não resistisse mais a seu divino impulso, aconselhando-lhe que começasse a oração meditando na paixão de Jesus Cristo; e que, se o Senhor a elevasse a outro grau mais sublime de contemplação, não se opusesse ao celestial movimento. Compreendeu então Teresa a suma importância de juntar sempre a mortificação do corpo e dos sentidos às doçuras da contemplação; e desde aquele ponto não havia no mundo coisa tão árdua que não estivesse pronta a sacrificar a Deus por chegar à perfeição a que este Senhor a chamava. Achando-se em oração, teve o primeiro arroubo, em que lhe pareceu que lhe dizia Jesus Cristo que desde ali em diante toda a sua conversação havia de ser com os Anjos e desde aquele ditoso dia achou-se, pela bondade de Deus, como transformada numa pessoa muito distinta. Tanto se lhe dava que falassem mal como que falassem bem dela; mas notou-se-a mais delicada que nunca à mais leve sombra de pecado. Tomou por confessor, tendo perdido o que tinha, ao célebre P. Baltasar Álvarez, da mesma Companhia de Jesus, e foram maravilhosos os progressos que fez na mais elevada perfeição com um diretor de tanto magistério na ciência do espírito.

Entretanto não cessava Deus de cumulá-la de favores, comprazendo-se naquela alma perfeitamente purificada. Já era sua oração uma série não interrompida de êxtases e de arroubos e naquelas íntimas comunicações com seu Deus abrasava-se seu coração nas chamas do amor mais puro e ficava seu entendimento iluminado com ilustrações sobrenaturais. Aparecia-lhe Jesus Cristo com muita frequência e comprazia-se o celestial Esposo em ensinar-lhe por si mesmo os mais elevados mistérios. Era seu desejo ter ocultos estes favores; mas sendo uma de suas máximas

obedecer escrupulosamente a seus diretores, sujeitando a seu juízo todas as suas visões e todas as suas mais secretas inspirações, só por não faltar a esta obediência viu-se precisada a manifestar dons tão preciosos, sendo isto mesmo novo exercício de mortificação para ela. Mas como nem sempre os homens mais sábios são os mais práticos na vida espiritual, não faltaram muitos a quem se lhes fez suspeitoso o caminho de Teresa. Juntaram-se seis sujeitos que por seu estado faziam profissão de homens espirituais: examinaram e conferenciaram sobre as coisas de nossa Santa e resolveram que estava iludida. Intentaram privá-la da sagrada Comunhão; pensaram em delatá-la ao santo Tribunal; discorreram se a exorcizariam, considerando-a possuída, e enfim não perdoaram a seu diretor, que à sazão se achava ausente, tratando-o de homem crédulo, fácil e ligeiro. Nem em Ávila nem na maior parte das universidades da Espanha se falava de outra coisa que das imaginadas ilusões de Teresa. Não era possível martírio mais doloroso nem estado de alma mais digno de compaixão. Oprimida de tristeza, combatida de temores e afogada em lágrimas, arrojou-se aos pés de um Crucifixo, faltando-lhe pouco para expirar à violência da dor, quando no mesmo ponto ouviu uma voz interior que lhe dizia: «Não temas, filha, eu sou; não te abandonarei.» A cujas palavras se desvaneceram todas as suas dúvidas e temores. Explicou seu gozo numa torrente de lágrimas e desde aquele dia jamais voltou a alterar-se a paz de seu coração.

Mas com este novo fervor começou a desgostá-la um pouco a vida mitigada de seu convento; e depois de uma espantosa visão, em que se lhe representaram os tormentos que lhe tinham prevenidos no inferno se houvesse continuado na vida relaxada, perpetuamente estava ocupada no desejo de fazer alguma coisa que acreditasse ao céu seu humilde agradecimento. Falando um dia com uma sobrinha sua, que estava de secular no mesmo convento, e com outra religiosa jovem de suas particulares amigas, escapou-lhe o dizer rindo e como de burlas que já não lhe agradava a vida daquela casa: «Pois bem (replicou a sobrinha), retiremo-nos as três e façamos outra vida mais estreita; para o que ofereço desde logo trinta mil ducados.» Certa senhora de muita virtude confirmou-a no mesmo pensamento e todas quatro se obrigaram muito de coração e muito seriamente a levá-lo adiante depois que Jesus Cristo declarou a Santa Teresa que com efeito a tinha destinada para fundar esta reforma. Assegurada já da vontade de Deus, nenhum estorvo foi capaz de acobardá-la; e animada à mesma generosa empresa pelo P. Baltasar Álvarez, seu confessor, por São Pedro de Alcântara e por São Luís Beltrão, da Ordem de São Domingos, deu ao público aquele nobre e grande intento e começou a pôr mãos à obra. Moveu Deus em seu favor o Papa, o bispo de Ávila e seu mesmo Geral, com cuja aprovação comprou uma casa para dar princípio à reforma. Mas as queixas de seu convento da Encarnação, as contradições dos Padres Carmelitas, a resistência da nobreza, a oposição dos magistrados, a murmuração dos povos e a formal contradição da cidade meteram tanto ruído que pareceu contemporizar e sobrestar na empresa. Então todo o mundo se desenfreou contra nossa Santa. Sátiras mordazes, interpretações malignas, feias e torpes calúnias, de tudo se valeu o inferno para destruir a obra do Senhor. Sofreu-o tudo Teresa com heroica paciência e venceu todas as dificuldades com muito mais heroico valor. Enfim, depois de muitos lances chegou a suas mãos o Breve que lhe havia despachado o papa Pio IV para fundar a reforma e entrou em seu novo convento, que quis que se consagrasse com a advocação de São José, sob cujo nome não havia ainda outra igreja, entrando com a Santa outras quatro donzelas de extraordinária virtude que ela mesma havia escolhido para que fossem os quatro pilares daquele espiritual edifício. Fez-se esta fundação com toda a solenidade no dia 24 de agosto do ano 1562, em cujo dia o mesmo bispo de Ávila benzeu a igreja. Tal foi o nascimento daquela célebre reforma; ou por melhor dizer daquela nova Religião, que é um dos mais belos

ornamentos da esposa de Jesus Cristo, a Igreja. Religião que em mais de duzentos anos que há que floresce não tem perdido um ponto de seu primeiro esplendor nem decaído no espírito primitivo de seu sagrado Instituto: onde se encontra aquela numerosa multidão de virgens destinadas a seguir o Cordeiro imaculado a qualquer parte que vá, as quais em meio das mais numerosas populações sabem fabricar o retiro da silenciosa solidão, onde sempre se deixa ouvir a voz do divino Esposo e a quem sua santa Mãe deixou como por herança o espírito de penitência e o dom de oração.

Vendo Teresa que cada dia ia-se aumentando o número de suas filhas, aplicou-se a dispor a regra e forma de vida que haviam de observar. Pôs por fundamento de sua regra o exercício da oração, acompanhado da mortificação dos sentidos. Estabeleceu a mais estreita clausura, fechou os locutórios, proibiu o trato e comunicação com os seculares e ainda limitou as conversações das monjas umas com outras, permitindo-lhas somente breves e raras. Desterrou todo comércio com o mundo, querendo que suas religiosas não tivessem outro recurso em seus trabalhos que os consolos divinos, os quais são como hereditários nelas: reformou o hábito, mudando a estamenha em grosseira jerga, os sapatos em alpargatas ou sandálias, os colchões em enxergões de palha e o alimento delicado em pobre e grosseiro sustento, sendo sua vontade que em tudo reinasse absolutamente a mortificação.

Logo que Santa Teresa houve regulado seu convento de São José, não só foi mister alargar a casa, mas multiplicar também o número dos conventos que abraçaram a reforma. Tendo chegado a Ávila o Geral dos Carmelitas, formou tão alto conceito da eminente virtude de nossa Santa e ficou tão prendado de ver ressuscitada no convento de São José a primitiva observância dos antigos Padres do Carmelo, que desejou ansiosamente a extensão da reforma. Logrou em breve tempo ver cumpridos seus desejos. Em menos de doze anos fundou Santa Teresa os conventos de Medina del Campo, Malagón, Valladolid, Toledo, Pastrana, Salamanca, Alba, Segóvia, Beas, Sevilha, Caravaca, Villanueva de la Jara, Palência, Soria, Burgos e Granada. Mas não se podem ponderar as maravilhas que intervieram em todas estas fundações. Que prodígios de confiança, de mortificações, de zelo, de paciência para levar adiante seus projetos em meio de tantas contradições e com a precisão de tantas viagens!

Não lhe custou menos a reforma dos frades que a das monjas. Os mesmos estorvos teve que vencer, as mesmas dificuldades que superar; mas a tudo foi superior sua magnanimidade e sua grande confiança no Senhor. Lançaram os primeiros alicerces deste célebre edifício os PP. Frei Antônio de Heredia e São João da Cruz. Depois que a Santa lhes deu os Estatutos que haviam de observar, acompanhou-os a Valladolid, onde tomaram o hábito de reforma, e enviou-os a Duruelo. No dia 30 de novembro do ano de 1568 teve princípio a reforma dos Carmelitas descalços, que, animados daquele espírito interior que lhes deixou sua santa Mãe, dão à Igreja tanta honra com sua exemplar observância, com o resplendor cada dia mais brilhante de tantas religiosas virtudes e com aquele apostólico zelo que, passando ao outro lado dos mares, acrescenta continuamente novas conquistas a Jesus Cristo em meio dos infiéis.

Ainda que obrava Deus tantos prodígios por meio de nossa Teresa, não se limitavam precisamente a eles os dons que recebia do céu. Não houve nem Santa mais ilustrada nos caminhos de Deus, nem que possuísse a ciência dos Santos em mais elevado grau de perfeição, nem que fosse dotada de mais claras luzes nem de mais celestial sabedoria; tudo sobre o sólido cimento de uma

profunda humildade. Em virtude disto, só por pura obediência a seus confessores deu ao público tantas maravilhas. O primeiro que a obrigaram a escrever foi a história de sua vida e não foi este o menor sacrifício que fez nela. Compôs depois o *Tratado da perfeição* por ordem de seu confessor; o qual lhe mandou também que escrevesse a história das *Fundações* de seus conventos. A esta seguiu-se o *Castelo da alma*; o tratado dos *Pensamentos do amor de Deus sobre o Cântico dos Cânticos*: obra admirável, que sua profunda humildade condenou ao fogo e só se pôde salvar das chamas um trecho da primeira parte, que se encontrou na cela de uma religiosa, a qual o havia copiado de sua mão para seu uso. As demais obras da Santa são: O *Caminho da perfeição*; *Instruções sobre a oração mental*; *Meditações para depois da Comunhão* e a coleção de suas *Cartas*. Todas estas obras são a um mesmo tempo o melhor panegírico de seu excelente entendimento, o mais vivo retrato das sublimes virtudes de seu abrasado coração e um inestimável tesouro com que o Espírito Santo quis enriquecer sua Igreja. Dizia Frei Luís de León, falando dos escritos de nossa Santa: «Sempre que os leio admiro-me de novo; e em muitas partes deles não parece engenho de homem o que ouço; e não duvido senão que falava o Espírito Santo nela em muitos lugares e que lhe regia a pena e a mão; e assim o manifesta na luz que põe nas coisas obscuras e no fogo que acende com suas palavras no coração que as lê. Que, deixados à parte outros muitos e grandes proveitos que acham os que leem estes livros, dois são a meu parecer os que com mais eficácia fazem: um, facilitar no ânimo dos leitores o caminho da virtude; e outro, acendê-los em amor dela e de Deus.»

Mas o mais admirável foi que aquela vida ativa e laboriosa jamais alterou nela o espírito nem o recolhimento interior; servindo a multidão de ocupações exteriores para acender mais e mais o divino amoroso fogo que inflamava seu abrasado coração. Tão recolhida nos caminhos como na cela e semelhante aos Anjos, que nunca perdem de vista a seu Deus enquanto fazem aquilo para que foram enviados, igualmente estava unida a seu celestial Esposo no tumulto de tantas ocupações como no silencioso retiro de seu oratório. Não parece fácil amar a Deus nem com maior ardor, nem com maior ternura, nem com maior fidelidade; pelo que tampouco é fácil compreender quanto era correspondida do mesmo Deus. As visões celestiais cheias do maior consolo eram já em Teresa como ordinárias. Ouviu um dia uma voz que lhe dizia: «Filha minha, eu te dei meu Filho e o Espírito Santo por esposo; e minha querida filha, a Virgem, por mãe tua; que poderás tu retribuir-me por tão grande favor?» Outro dia viu junto a si um Serafim que com um dardo de fogo lhe traspassava o coração, ficando depois pasmada e enlevada por espaço de duas ou três horas. Em certa ocasião, num de seus êxtases, ouviu-se-lhe exclamar: «Divino Esposo meu, ou alargai meu coração ou limitai vossos favores.» A seu aceso amor igualava seu insaciável desejo de padecer. O ato de amor que repetia mais, e que foi como sua particular divisa, era este: *Aut pati, aut mori*: ou padecer ou morrer. Enfim, não se pode reduzir à estreiteza de um compêndio uma vida tão portentosa.

Conhecendo a Santa que cada dia se ia debilitando mais, escreveu à maior parte de seus conventos, dando-lhes aqueles salutares conselhos que mais convinham a cada um; mas a todos encomenda a exata observância das regras mais miúdas, o frequente e constante exercício da oração e o juntar sempre com o espírito interior o da contínua mortificação. Exorta todas as suas filhas a que procurem inflamar-se no mais puro amor de Jesus Cristo, dedicando-se a fazer-se dignas esposas suas; quer que todas amem a santíssima Virgem como a sua querida mãe; e assinala por protetor de toda a Ordem o patriarca São José. Encarrega-lhes a todas uma santa

simplicidade e quer que se desterre para sempre de toda Carmelita todo estudo alheio a uma mulher. «Antes que se me esqueça, escreve à priora do convento de Sevilha: muito boa está a carta do P. Mariano, se não tivera latim. Não permita Deus que minhas filhas tenham a vaidade de ser latinas. Não o consinta outra vez nem lhe suceda. Mais quero que tenham a ambição de parecer simples e ignorantes, como muitas Santas, que de querer ser retóricas.»

No ano de 1582, dia de São Mateus, entrou em Alba, oprimida e consumida de males; mas comungava todos os dias com tal fervor que não se reconhecia nele sua debilidade. Sobreveio-lhe no dia de São Miguel um fluxo de sangue que a rendeu à cama e passou toda aquela noite e o dia seguinte em muito fervorosa oração. No primeiro dia de outubro fez que lhe chamassem Frei Antônio de Jesus para confessar-se. Perguntou-lhe este Padre se, em caso de morrer, queria que seu corpo fosse levado ao convento de São José de Ávila, que era sua própria casa. «Pois quê, respondeu a Santa, tenho eu acaso neste mundo casa alguma própria? E não me darão aqui um pouco de terra para enterrar-me?» Na véspera de São Francisco pediu o santo Viático; e juntando as mãos, disse a suas religiosas estas ternas e últimas palavras: «Filhas minhas e minhas senhoras, peço-vos por amor de Deus que observem exatamente as regras e as constituições e que não ponham os olhos nos exemplos desta indigna pecadora que está para morrer; pensem somente em perdoá-la.» Logo que entrou em sua cela o Senhor sacramentado, dando-lhe forças o amor a Jesus Cristo, incorporou-se por si só na cama: inflamou-se-lhe e animou-se-lhe o semblante; e voltando os olhos a Jesus Cristo, arrojando centelhas de amor por eles, exclamou: «Vinde, Senhor, vinde, amado Esposo; já enfim chegou a hora e vou sair deste desterro. Tempo é já e é muito justo que vos veja depois que este ardente desejo por tão largo tempo me tem despedaçado o coração.» Enfim, depois de haver recebido a Extrema-Unção, repetindo muitas vezes estas palavras: «Eu sou filha da Igreja», abertos os olhos e fixos num Crucifixo que tinha nas mãos, rendeu docemente sua alma nas de Deus no dia 4 de outubro, entre as nove e as dez da noite, do ano 1582. Este é o ano em que se emendaram os tempos tirando os dez dias que andavam de sobra e adiantados, e assim o dia seguinte se contou 15 de outubro. Tinha Santa Teresa quando morreu sessenta e sete anos, seis meses e sete dias; havia vivido religiosa quarenta e sete, os vinte e sete na Encarnação, os vinte últimos na observância de sua regra reformada.

No mesmo ponto em que a Santa expirou encheu-se sua cela de uma esquisita fragrância, que se difundiu por todo o convento. Remoçou-se-lhe o semblante, cobrindo-se de uma cor fresca e vermelha e desaparecendo todas as rugas da velhice. No dia seguinte o santo corpo foi enterrado com grande solenidade, dando-se-lhe sepultura entre as duas grades do coro; de maneira que assim as religiosas de dentro como as seculares de fora se podiam consolar de que o tinham dentro de sua jurisdição. Ainda antes de enterrá-la manifestou Deus com grandes milagres a eminente santidade de sua fidelíssima serva e depois cada dia se continuavam em seu sepulcro. No dia 4 de julho do ano seguinte abriu-se a caixa, que estava feita pedaços pelo peso das lousas que lhe haviam lançado em cima e por conseguinte cheia de terra e de umidade, a qual havia apodrecido o hábito da Santa; mas seu corpo se encontrou tão inteiro, tão fresco, tão vermelho e tão flexível como se estivesse vivo, exalando um suavíssimo odor que embalsamou toda a igreja e todo o convento. Achava-se presente o Provincial, o qual lhe cortou a mão esquerda e a enviou ao convento de Ávila; depois fez pôr ao santo corpo um hábito novo e, encerrando-o noutra nova caixa, mandou que o voltassem à sua primeira sepultura. Três anos depois foi elevado da terra o santo corpo e conduzido a Ávila, tendo-se encontrado tão inteiro e tão fresco como na primeira

visita. Enfim, no ano de 1589 o papa Sisto V, a solicitação do duque de Alba, mandou que aquele precioso tesouro se restituísse ao convento de Alba, onde se conserva hoje tão inteiro como o dia de sua morte num suntuoso sepulcro. Um de seus pés foi enviado a Roma ao convento das Carmelitas descalças no ano de 1615; e alguns anos depois Isabel de França, rainha da Espanha e mulher de Filipe IV, logrou um dedo da Santa, que mandou engastar num relicário de ouro e se enviou a sua mãe, a rainha D. Maria de Médici, a qual o regalou aos Carmelitas de Paris. Foi beatificada Santa Teresa no ano de 1614 pelo papa Paulo V e solenemente canonizada no de 1622 por Gregório XV.

Santa Teresa, como quem havia gostado tão a satisfação a doçura do amor divino, exorta a todos a aspirar a ele por meio da penitência e oração. Exclama, pois, no capítulo 26 de sua Vida: «Ó admirável benignidade, Deus meu, a tua, pois que permitiste que te vissem estes olhos que têm abusado de sua vista tanto como os de minha alma! Ó ingratidão dos mortais!... Ó vós, almas que tendes fé, que bênçãos podeis buscar que possam ser comparadas com a mais leve das que têm os servos de Deus, ainda nesta vida mortal, além da feliz eternidade da outra! Considerai que é certíssimo que Deus ainda aqui se dá a si mesmo aos que tudo deixam também por seu amor. Não é o Senhor aceitador de pessoas: a todos ama, ninguém tem escusa por iníquo que haja sido, pois que tão misericordiosamente se portou comigo... Considerai que o que estou dizendo não é nem uma faísca do que se poderia dizer. Não posso eu explicar o que uma alma acha em si mesma quando se digna o Senhor de participar-lhe estes segredos seus: delícia tão superior a quanto é possível imaginar aqui que com razão os que gozam desta aborrecem todos os deleites da terra: tudo o que posto junto não é comparativamente mais que aridez e dissabor: e além disto é coisa torpe trazê-las a comparação com as outras, ainda que houvessem as do mundo de durar para sempre, etc.»

Missa (oração)

A missa é em honra da Santa, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Exaudi nos, Deus salutaris noster, ut sicut de beatæ Teresiæ Virginis tuæ festivitate gaudemus, ita cœlestis ejus doctrinæ pabulo nutriamur, et piæ devotionis erudiamur affectu. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ouvi-nos, ó Deus, que sois nossa salvação, para que, assim como nos causa tanta alegria a festa de vossa santa virgem Teresa, assim também nos sustentemos com o alimento de sua celestial doutrina e recebamos com ela o fervor de uma santa devoção. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 10 e 11 da segunda de São Paulo aos Coríntios.

2 Coríntios 10,17-18; 11,1-2

> **Latim:** 17 Qui autem gloriatur, in Domino glorietur. 18 Non enim qui seipsum commendat, ille probatus est : sed quem Deus commendat. 1 Utinam sustineretis modicum quid insipientiæ meæ, sed et supportare me : 2 æmulor enim vos Dei æmulatione. Despondi enim vos uni viro, virginem castam exhibere Christo.

Português: 17 Aquelle pois, que se gloria, glorie-se no Senhor. 18 Porque não he o que a si mesmo se recommenda, o que he estimavel : mas he sim aquelle, a quem Deos recommenda. 1 OXALÁ que supportasseis por hum pouco a minha insipiciencia, mas em fim tolerai-me: 2 porque vos zelo com zelo de Deos. Por quanto eu vos tenho desposado com Christo, para vos apresentar como virgem pura ao unico esposo.

Reflexões

O que se gloria, glorie-se no Senhor. Se se observasse este discreto e salutar conselho, não reinaria no mundo tanta néscia vaidade: fazendo-se cada qual justiça a si mesmo, reconheceria seu pouco mérito e solicitaria somente sua verdadeira glória em servir e em agradar a Deus; pois não há que buscá-la em outra parte nem sólida nem verdadeira. A excessiva delicadeza nisto que se chama honra é prova de um espírito muito apoucado; e a demasiada sensibilidade dos homens sobre seus imaginários direitos; aquela secreta mas viva pena que nos causa ouvir ou ver aplaudidos os demais; aquele interior desgosto com que se ouvem seus elogios, que, se não tem toda a malignidade da inveja, se aproxima muito dela, é um grande argumento de nossa pouca substância. Mas ainda que o reino do orgulho esteja tão arraigado no espírito e no coração dos homens; ainda que suas forças sejam tão poderosas, não é tão difícil como parece desbaratar este fero inimigo. Um pouco de menos preocupação a favor de nosso mérito e um pouco de mais reflexão sobre a natureza do mal e sobre a causa que o irrita bastarão acaso para curá-lo. A mesma paixão parece que leva consigo seu contraveneno. É um vão, fero, altivo e soberbo? Pois pergunte-se a si mesmo algumas vezes em que o funda; por que o é? A maior parte dos homens, mas sobretudo as mulheres, não encontrarão outra razão do favor que se fazem a si mesmas e do desprezo que fazem dos demais senão uns motivos totalmente acidentais e exteriores que antes bem deveriam servir para humilhar-nos. O nascimento nobre, a distinção do emprego, um trem magnífico, as galas de bom gosto e de muito preço, a abundância de bens de fortuna, um engenho vivo, pronto, divertido, brilhante, que sobressai em todas as ocasiões: este costuma ser de ordinário ou a origem ou o fomento de uma paixão que nunca reina sem tirania. Pois acabemos já de convencer-nos assim da baixeza de sua origem como da insubstancialidade de tudo aquilo que a fomenta, e envergonhar-nos-emos de haver sido escravos seus por tão largo tempo. Se

pretendemos a verdadeira glória, buscá-la-emos naquilo que unicamente a granjeia. Desenganemo-nos: só a produz e só se encontra na virtude cristã.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,1-13

> **Latim:** 1 Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. 2 Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : 3 sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : 4 prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. 5 Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. 6 Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. 7 Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. 8 Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. 9 Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. 10 Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. 11 Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. 12 At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. 13 Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: 1 ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. 2 Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: 3 as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: 4 mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. 5 E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. 6 Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. 7 Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. 8 E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. 9 Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. 10 E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. 11 E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. 12 Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. 13 Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Sobre as principais virtudes de Santa Teresa

Primeiro ponto

Considera que as principais virtudes de Santa Teresa, nas quais parece compreender-se seu caráter, podem reduzir-se a três. Um amor sem medida a Jesus Cristo, em força do qual desejava com veemência todas as amarguras da cruz; uma generosidade sem termo, em cuja virtude empreendia tudo o que se lhe representava ser de sua maior glória; e uma confiança invariável, a cuja sombra se saiu com tudo quanto empreendeu. O amor a Jesus Cristo parece que se antecipou em Santa Teresa à razão. Desde sua infância só suspirava por agradar a este divino Esposo; e se por algum tempo se entibiaram estes celestiais ardores com o frio da dissipação, desforrou-se vantajosamente depois, mediante o sagrado fogo que abrasou continuamente seu inflamado coração. Que ardores, que ímpetos, que labaredas deste divino amor não experimentou a Santa, já em sua oração, já em seus arroubos, já nas ações mais ordinárias da vida! Que desejos ansiosos de padecer em testemunho de seu amor a Jesus Cristo! Ou padecer ou morrer era sua divisa. Que contínuas penitências em sua carne, que rigores em seu delicado corpo, que penas interiores em seu espírito, que martírio! Não tinha outro consolo nos trabalhos deste desterro que padecer por Jesus Cristo. O símbolo de seu aceso amor a este Senhor e de sua sede insaciável de trabalhos foi aquela doce ferida que lhe abriu no coração um Serafim com o inflamado dardo. Oh, e quanto nos acusa esta grande Santa! Que altamente condena nossa delicadeza e nossa pusilanimidade uma vida tão crucificada! Meçamos nosso amor a Deus pelo desejo de padecer e pela paciência no sofrer. Mas até onde chegou a generosidade daquela grande alma? Correspondeu perfeitamente a seu abrasado amor. Aos sete anos de sua idade pôs-se a caminho para buscar o martírio entre os bárbaros. Põe o mundo em movimento todos os seus artifícios para ganhar seu coração por meio de inocentes amizades; mas logo que descobriu a rede, rompeu generosamente todos os laços. Tudo sacrificava a seu Deus: entendimento brilhante, formosura celebrada, conveniências vantajosas, prendas eminentes, tentadoras e lisonjeiras esperanças; nada a detém, nada é capaz de fazê-la duvidar nem por um só momento. Escolhe-a Deus para reformar uma família religiosa. Santo Deus, que dificuldades não tem que superar! Que contradições, que estorvos não se lhe põem diante! Empreende uma donzela jovem reformar uma Religião célebre por sua antiguidade, cheia de virgens e de senhoras distinguidas e em quem a menor de todas se considerava com tanta capacidade, com tanta virtude e com tantos talentos como Teresa. Tudo isto o vê, o conhece; palpa, toca com suas mãos todas estas terríveis dificuldades; o intento só se lhe representa quimérico a ela mesma. Mas não importa: Deus o quer, Deus o manda? Pois nada a intimida, nada acobarda aquele grande coração, mais generoso que o de todos os heróis. Cresce o valor ao passo das dificuldades. Está exposta toda a sua vida às mais terríveis provas, têm-na por iludida, faz-se suspeita sua oração a seus mesmos diretores, qualificam-na de embusteira; pois nunca está mais contente Teresa que em meio de suas humilhações. Longe de abater-se seu magnânimo espírito, fortifica-se, vigora-se mais com elas. Imagina, se podes, alma mais generosa; mas compara aquele grande coração, aquela magnanimidade, com tua covardia. Uma palavra, uma apreensão, um ligeiro temor nos abate, nos desalenta, nos detém, nos faz parar. O valor é efeito do amor; pois meçamos o que temos a Deus por nossa vergonhosa timidez.

Segundo ponto

Considera que todas as maravilhas que obrou Teresa as deveu singularmente à grande confiança que teve em Deus. Ninguém sentiu nunca mais baixamente de si que nossa Santa. Desconfiando inteiramente de si mesma, jamais colocou sua confiança em outra coisa que no braço onipotente do Todo-poderoso. Dessa maneira saiu-se com quanto quis por sua inalterável confiança. Que vãs foram as oposições a sua portentosa empresa! Os grandes, o povo, as cidades inteiras, sobretudo sua mesma comunidade, inutilmente se empenham em desaprovar, em contradizer, em desbaratar seus intentos. Obedece cegamente à vontade de seus prelados. Proíbem-lhe passar adiante; obedece e fica muito sossegada em sua obediência, mas lá dentro de sua alma com um fundo de confiança que a tira vitoriosa de todas as dificuldades. Mudam de opinião estes grandes e são os primeiros que louvam, que apoiam suas empresas. Os povos, as cidades, as comunidades parecem as primeiras que se dão mais pressa a fomentar a reforma; nenhuns a solicitam, a sustentam, a adiantam mais que os mesmos superiores. Reforma Teresa, na flor de sua juventude, a ilustre, a antiga religião dos Carmelitas; querem os homens ter também parte naquele insigne benefício, abraçam seu Instituto e reconhecem-na por mãe. Faz um prodigioso número de fundações e tudo com uma saúde muito quebrantada. Bom Deus, que eficaz, que poderoso é o que busca vossa pura glória; o que só conta com vossos auxílios; o que só quer o que Vós quereis, como o quereis e quando Vós o quereis! Reforma Santa Teresa toda a sua Religião em muito breve tempo; quando trabalharemos nós em reformar nossos costumes e nossa desordenada conduta? Não podemos duvidar de que Deus o quer assim; tenhamos uma verdadeira vontade de reformar-nos; amemos a Deus sem reserva; animemo-nos confiados na graça do Senhor e seguramente sairemos com nosso intento.

Dignai-vos, Senhor, conceder-me este ânimo, esta confiança e este amor, que só com isto serão eficazes minhas resoluções. Peço-vo-lo pela intercessão desta grande Santa, a quem nada sabeis negar.

Jaculatórias

Prossegui, Senhor, em amparar-me e assistir-me, particularmente nesta resolução. (Sl 26.)

Se Deus é meu protetor, que coisa me poderá acobardar? (Ibid.)

Propósitos

1. É grande sem-razão atribuir a covardia à própria fraqueza. Amemos a Deus com fervor e com ternura e poderemos verdadeiramente muito. Cresce o ânimo ao passo que o amor. Não há, pois, que desculpar com nossa fraqueza nossa pusilanimidade; desvanecem, confundem esta desculpa os Santos e as Santas que a Igreja nos propõe cada dia por modelos. Não há idade, não há sexo,

não há achaques, não há dificuldades que nos possam servir de escusa legítima e verdadeira. Toda a nossa fraqueza (confessemo-lo sinceramente) consiste em nossa má vontade; e esta vontade ineficaz, covarde e pusilânime é efeito de nosso pouco amor de Deus. Amemos generosamente a Deus e teremos valor, confiança e feliz sucesso em tudo. Não te contentes com invocar puramente os Santos que a Igreja nos propõe cada dia, não só por protetores, mas também por exemplares; considera-os como tais e dize a ti mesmo: Isto fizeram eles para ser Santos; serei-o eu fazendo o que faço?

2. Não manda Deus a todos que reformem religiões nem comunidades; mas a todos manda que as edifiquem e que lhes deem bom exemplo. A todos e a cada um manda que se reforme a si mesmo, seus costumes, sua profissão e sua vida. Poucos pais e mães de família haverá que não tenham muito que reformar em sua casa, em seus criados, em seus filhos, em seu trem, em suas pessoas; esta reforma te pede Deus; pois dedica-te a este zelo. Ninguém há que não possa reformar sua comunidade reformando-se a si mesmo; o bom exemplo é uma muda reforma. Reforme-se cada um a si e muito em breve ficará reformada toda a família, toda a comunidade e toda a Religião.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:39 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:39 by Admin